

CAÇANDO BORBOLETAS NO CÉU

Discussões do (sem) sentido na poesia de Régis Bonvicino

Fernando Floriani Petry

Jean-Luc Nancy começa seu livro *El sentido del mundo* afirmando que há bem pouco tempo se podia falar de uma crise de sentido. E que uma crise, por sua natureza, se analisa e se supera¹. Se atravessássemos uma crise de sentido, já teria surgido, em algum dos confins do mundo, a possibilidade de reencontrarmos o sentido, de retornarmos ao único caminho certo. Contudo, não atravessamos mais uma crise de sentido – ou da ausência de sentido –, mas sim estamos, hoje, ainda mais distantes: “todo el sentido se encuentra en estado de abandono.”²

¹ Assim se demonstra a mais “nova” crise. Nos corridos de 2009, a crise do *sub-prime* norte-americano já confirma o sentimento de Nancy. Já se apontaram os culpados, já se sabe o que e quem está a sofrer, e, ainda timidamente, já se sabe o que é preciso ser feito para superá-la.

² Nancy, Jean-Luc. *El sentido del mundo*. Buenos Aires: La Marca, 2003, p. 14.

Os sentimentos despertados pelo estado de abandono do sentido, em nosso tempo, são paradoxais. Por um lado, a demanda de sentido produz manifestações, tais como “esa banderola en Berlín, sobre un teatro, en 1993, ‘Wir brauchen Leitbilder’: tenemos necesidad de imágenes directrices”³. A necessidade de imagens diretrizes é a querença do retorno do sentido-verdade, com sua segurança, identidade, certeza. Por outro lado, é despertado em alguns o sentimento de que temos todas as chances de superar a necessidade de imagens diretrizes, em um sentido inédito, em um sentido que precede todos os outros, surpreendentemente. Um sentido que vai para além da verdade. Para alguns, temos uma excelente oportunidade para sairmos ao deserto.

Questionando o que rotulamos de *sentido natural*, tentaremos percorrer os vários caminhos deserto a fora que a poesia trivial de Bonvicino nos sugere. Trivial não por ser do conhecimento de todos, mas trivial por ser *trivium*, um caminho que se bifurca em um, dois, três e tantos mais outros mesmos caminhos. Trivial por ler as imagens muito batidas, corriqueiras que o poeta *desertifica*, esvazia de seu sentido natural, bifurcando-as em novos e outros oásis, através de seu próprio

³ Ibidem.

*trivium*⁴, des-organizando a gramática, confundindo a lógica e abusando de sua retórica para (re)criar imagens de ossos *de borboleta*, de *páginas órfãs*, de “borboflores, florbelhas, flormigas, borr”⁵ e outros tantos seres.

Separados o sentido da verdade, adotar a *práxis* de desconstruir, des-organizar a demanda de sentido é encarar o mundo de maneira fascinantemente indiferente. É poder dizer que o mundo é trivial. Simples. De uma complexa simplicidade.

Encarnar a *práxis* de acarar o mundo como deserto, esvaziando-o de suas verdades-oásis através da trivialidade é a atitude que podemos ler nas poesias de Régis Bonvicino. Raul Antelo, ao final de *Ossos de Borboleta*, nos lembra que o título do livro, dentre tantas figuras triviais, é um tropismo animal. A borboleta ganha ossos ao atirar-se ao deserto, desde a epígrafe escolhida por Régis para seu livro, “*The world is all that is displaced*”, de Michael Palmer, passando pelo Ego de um *Homem sem sombra*, pela *quieta e vasta / a flor ignora / o dia /*

⁴ De acordo com o dicionário Houaiss, *trivium*, na Idade Média, era a primeira parte do ensino universitário, formada por três disciplinas (gramática latina, lógica e retórica) ministradas antes do *quadrivium* e que, com este último, constituía as sete artes ou as artes liberais.

⁵ Antelo, Raul. *Limiar*. In: *Ossos de Borboleta*. São Paulo: Editora 34. 1996, p. 143.

que passa, até atingir a folha que cai. Desertificando as verdades próprias, “é o limo do nada ou o miasma do mesmo. Para Bonvicino, ‘a poesia / forma em linha com o nada’ e sua confiança, portanto, não admite heranças doces”⁶. *Ni palabra, ni concepto, Ossos de Borboleta* é movimento, é a *práxis* de por-se em constante atravessar.

Em forma com o nada, a poesia de Régis expande o limiar entre o oásis e o deserto. Confundindo a lógica de verdade das coisas, a atitude que a poesia de Bonvicino requer do leitor é justamente a de não hastear as bandeirolas, é sim a atitude de tocar(-se) e ser tocado pela poesia, transformando(-se) em outros, em si-mesmo, em um constante ir e vir entre o oásis e o deserto.

Ao ser inconclusivo, esse trabalho tende ao infinito, tende a ser um trabalho de divisibilidade, desdobra-se constantemente em outro, em um processo infinito de auto-impugnação do sentido. E é isso que se pretende, pois não se quer, aqui, *interpretar* uma verdade, *representar* uma tese universal. Eu quero, se quer, queremos ser vários pontos de partida, intermináveis, inesgotáveis, potências. Partir do trivial, percorrer o *trivium*, caçando ossos de borboletas.

⁶ Antelo, Raul. *Op. cit.*, p. 144.